

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS

Centro de Ciências Químicas, Farmacêuticas e de Alimentos

Curso de Farmácia



Trabalho de Conclusão de Curso

Perfil de automedicação de acadêmicos da Universidade Federal de Pelotas

Adriele Douglas de Souza Teixeira

Pelotas, 2020

Adrielle Douglas de Souza Teixeira

Perfil de automedicação de acadêmicos da Universidade Federal de Pelotas

Trabalho acadêmico apresentado ao Curso de Farmácia da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Farmácia.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Maximiliano Correa

Co-Orientador: Prof. Rousseau Silva da Veiga

Pelotas, 2020

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação

T266p Teixeira, Adriele Douglas de Souza

Perfil de automedicação de acadêmicos da Universidade Federal de Pelotas / Adriele Douglas de Souza Teixeira ; Paulo Maximiliano Correa, orientador ; Rousseau Silva da Veiga, coorientador. — Pelotas, 2020.

28 f. : il.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Farmácia) — Centro de Ciências Químicas, Farmacêuticas e de Alimentos, Universidade Federal de Pelotas, 2020.

1. Automedicação. 2. Uso racional de medicamentos. 3. Acadêmicos. I. Correa, Paulo Maximiliano, orient. II. Veiga, Rousseau Silva da, coorient. III. Título.

CDD: 615.6

Elaborada por Ubirajara Buddin Cruz CRB: 10/901.

Adriele Douglas de Souza Teixeira

Perfil de automedicação de acadêmicos da Universidade Federal de Pelotas

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado, como requisito parcial, para obtenção do grau de Bacharel em Farmácia, Centro de Ciências Químicas, Farmacêuticas e de Alimentos, Universidade Federal de Pelotas.

Data da Defesa: 08 de setembro de 2020.

Banca examinadora:

Prof. Dr. Paulo Maximiliano Correa (Orientador), Doutor em Educação Ciências Farmacêuticas pela UFRGS.

Prof. Dr. Juliane Fernandes Monks da Silva, Doutora em Epidemiologia pela UFRGS.

Prof. Dr. Juliana Bidone, Doutora em Ciências Farmacêuticas pela UFRGS.

Agradecimentos

Primeiramente, agradecer a Deus, pela força para continuar as lutas diárias e nos momentos de desespero.

Aos meus pais, Mara Lúcia Douglas de S. Teixeira e Rudinei da Silva Teixeira, que sempre estiveram ao meu lado, dando apoio e suporte para continuar a vida acadêmica.

As minhas amigas e colegas, Bruna Leal, Natália Goulart, Rafaella Dutra e Ana Cristina Licks, pelo companheirismo, compreensão, por estarem todos os dias presentes, sofrendo, sorrindo e enfrentando as dificuldades ao meu lado. Pessoas essas que fizeram a diferença na minha vida e formação, e que levarei para o resto da vida.

Ao meu namorado e co-orientador, Rousseau da Veiga, pelo companheirismo, paciência, apoio e ajuda nesse trabalho e em muitos outros.

Aos professores do curso, pelos ensinamentos, no qual compartilharam conhecimentos agregando na vida acadêmica, pessoal e também profissional. E ao meu orientador, professor Paulo, por me acompanhar e aconselhar na realização do trabalho.

TEIXEIRA, Adrielle Douglas de Souza. **Perfil de automedicação de acadêmicos da Universidade Federal de Pelotas**. 2020. Trabalho de conclusão de curso. Bacharelado em Farmácia. Universidade Federal de Pelotas. 2020.

Resumo

O objetivo do presente estudo foi descrever o perfil da automedicação entre estudantes da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). A amostra contou com 442 universitários de diferentes níveis acadêmicos. Para coleta dos dados foi empregado um formulário online disponibilizado em uma rede social da instituição. O mesmo continha 11 questões sobre dados sociodemográficas e automedicação. Como resultados, o sexo feminino foi o gênero mais frequente no questionário. A formação acadêmica mais assinalada foi graduação, em relação à área de conhecimento a saúde foi a mais citada. Quanto ao plano de saúde, 54,1% dizem o possuir. Dos participantes, 99,8% dizem saber o que é automedicação. O principal motivo para realização da automedicação foi a dor de cabeça, e conseqüentemente, a classe terapêutica os analgésicos/antitérmico. Aproximadamente 58% relatam fazer o uso de medicamentos de 1 a 3 vezes no mês. Um total de 46% da amostra relata fazer o uso de medicamentos por conta própria e 65% estão cientes dos efeitos adversos que a prática causa. Como conclusão, os achados sugerem que apesar de dizerem saber o que é automedicação, altos valores percentuais desta prática são reportados. Ainda, 34% da amostra não estão cientes ou não sabem sobre os efeitos adversos dos medicamentos. Com isto, destaca-se a importância de um profissional farmacêutico para esclarecer dúvidas sobre o uso racional dos medicamentos, sendo o profissional apto para realizar tal atividade.

Palavras chave: automedicação, acadêmicos, uso racional de medicamentos.

TEIXEIRA, Adriele Douglas de Souza. **Self-medication profile of academics from the Federal University of Pelotas. 2020** Course completion work. Bachelor of Pharmacy. Federal University of Pelotas. 2020.

Abstract

This study aimed to describe the profile of self-medication among students of the Federal University of Pelotas (UFPEL). The sample consisted of 442 university students of different academic levels. For data collection, an online form was used available in a social network of the institution. It contained 11 questions about sociodemographic data and self-medication. As results, the female sex was the most found. The most marked academic education was graduation, about the area of knowledge health was the most found. Regarding health insurance, 54.1% say they have it. Of the participants, 99.8% know what self-medication is. The reason for this more listed was a headache, and consequently, the therapeutic class analgesics/anti thermal. Approximately 58% report using medications 1 to 3 times a month. A total of 46% of the sample reported using medications on their own and 65% are aware of the adverse effects that the practice causes. In conclusion, the findings suggest that despite knowing what self-medication is, high percentage values of this practice are reported. Still, 34% of the sample are not aware of the adverse risks of the drugs. Thus, highlighting the importance of a pharmaceutical professional to clarify doubts about the rational use of medicines, being the professional able to perform such activity.

Keywords: self-medication, academic, rational use of medicines.

Lista de Figuras

Figura 1: Frequência mensal de automedicação entre acadêmicos.....13

Figura 2: Dados de indicação de medicamentos para automedicação.....13

Lista de tabelas

Tabela 1: Dados descritivos acerca dos principais motivos para a automedicação entre universitários.....	12
---	----

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
MATERIAIS E MÉTODOS	10
RESULTADOS	11
DISCUSSÃO	14
CONCLUSÃO	18
REFERÊNCIAS	19
APÊNDICE.....	22

INTRODUÇÃO

Quando indivíduos consomem medicamentos sem uma prescrição médica ou orientação de um profissional capacitado, para diminuição de alguma enfermidade observada, isto é caracterizado como automedicação (LOYOLA et. al., 2002). Sabe-se que a automedicação é uma prática bastante comum, onde segundo Santos et. al. (2020) o Brasil está entre os países onde mais se utilizam medicamentos.

Devido à alta prevalência de automedicação no Brasil (SANTOS et al., 2020), está acaba tornando-se um ponto central em muitos debates na comunidade científica, (PAIM et al., 2016), visto que os indivíduos que realizam tal prática tornam-se suscetíveis às reações adversas que esta ação causa, entre elas: alergias, intoxicações, interações medicamentosas, entre outras (LYRA JR. et al., 2003). Considerando isto, algumas estratégias são elaboradas a fim de reduzir tais ações como, por exemplo, o Uso Racional de Medicamentos (URM), que consiste em intervenções que promovem o esclarecimento acerca do uso apropriado dos medicamentos, bem como possíveis problemas advindos desta prática (ALVARES et al., 2017).

Diante deste fato, a Organização Mundial de Saúde (OMS) apresenta diretrizes sobre os medicamentos considerados seguros na prática do autocuidado. Segundo este documento, a utilização dos medicamentos deve ser feita de forma segura e eficaz, de modo em que os sujeitos saibam administra-los com facilidade e confiança, conforme as informações disponibilizadas pelo fabricante (WHO, 2000). Considerando isto, destaca-se a importância de campanhas informativas e esclarecedoras sobre o uso correto das medicações, ressaltando os profissionais, principalmente os farmacêuticos, como fundamentais para realização destas atividades (SERVIDONI, et. al., 2006).

Não obstante, diferentes fatores como o meio onde se vive, a disponibilidade aos medicamentos e o nível acadêmico, são considerados como contribuintes para o crescimento da automedicação no Brasil (CASCAES et al., 2008). Isto pode estar associado a uma maior familiaridade com os medicamentos e uma facilidade em obter informações dos mesmos (FILHO et al., 2002), tornando-se assim um problema de saúde pública (SANTOS et al., 2020). Entretanto, entendendo a importância da compreensão do problema supracitado, o presente estudo tem como objetivo descrever o perfil da automedicação entre estudantes da Universidade Federal de Pelotas (UFPel).

MATERIAIS E MÉTODOS

Foi conduzido um estudo transversal descritivo para identificar o perfil de automedicação de universitários da UFPel. Para isto, foi enviado, via grupo de facebook da instituição um convite a todos os alunos da universidade para que respondessem o questionário online.

Como critério de inclusão, foram adotados: i) participar de um grupo da UFPEL em uma rede social, e; ii) responder todas as questões do formulário empregado.

Como critério de exclusão, foram considerados: i) ler o termo de consentimento livre e esclarecido, sobre os riscos e benefícios da pesquisa e mesmo assim não aceitar participar das coletas de dados do presente estudo e; ii) não preencher completamente o formulário.

Em virtude da pandemia do Covid-19, o presente estudo foi realizado através de um formulário digital, onde os universitários que estivessem de acordo, após lerem sobre riscos e benefícios da pesquisa, iniciavam o processo de preenchimento. Os dados foram recolhidos no mês de junho de 2020. O mesmo foi composto por um conjunto de 11 questões, desenvolvidas pelos autores do estudo, que incluíam dados sociodemográficos, como sexo, idade, nível acadêmico, área de conhecimento e plano de saúde, além de questões relacionadas à automedicação, dentre elas os motivos pelos quais buscaram esta prática, se há influência de terceiros, frequência de realização, qual a classe mais consumida e se tem conhecimento sobre os efeitos adversos que essa prática pode trazer.

Análise dos dados:

Uma vez coletados, os dados foram transferidos e tratados através do *software* SPSS 20.0. Todos os dados foram descritos em valores absolutos e percentuais.

RESULTADOS

A pesquisa contou com um total de 442 universitários que responderam o formulário digital aplicado. Entre estes, 384 (86,9%) eram do sexo feminino. A idade apresentou mediana de 23 anos (mínimo 18 anos e máximo 70 anos).

Sobre formação acadêmica, 355 (80,3%) participantes estavam em fase de graduação, 26 (5,9%) de especialização, 41 (9,3%) eram alunos de cursos de mestrado, 13 (2,9%) de doutorado e 7 (1,6%) de pós-doutorado.

Acerca das áreas de conhecimento, 156 (35,3%) envolvidos eram da área da saúde, 127 (28,7%) das ciências humanas e sociais, 80 (18,1%) das ciências exatas e tecnológicas, 67 (15,2%) das ciências agrárias e biológicas e 12 (2,7%) das artes e música.

Entre os entrevistados, 239 (54,1%) manifestaram possuir algum plano de saúde. Quando questionados sobre a automedicação, 441 (99,8%) universitários assinalaram saber do que se trata e somente 1 (0,2%) reportou desconhecer o termo. Ainda, na Tabela 1 são apresentados os principais motivos para automedicação reportados pelos envolvidos no estudo.

Tabela 1 - Dados descritivos acerca dos principais motivos para a automedicação entre universitários.

Principal motivo para prática da automedicação		
<u>Motivo</u>	<u>Número de casos</u>	<u>Valor percentual</u>
Dor de cabeça	237	53,6%
Alergia	55	12,4%
Resfriado/Gripe	52	11,8%
Dor muscular	42	9,5%
Suplementação/Vitaminas	11	2,5%
Inflamação	6	1,4%
Depressão ou Ansiedade	5	1,1%
Lesões orais e/ou na pele	4	0,9%
Infecção	2	0,5%
Tosse	1	0,2%
Outro motivo	15	3,4%
Não realiza esta prática	12	2,7%

Ainda, destaca-se que a classe do medicamento mais utilizada, é a dos analgésico/antitérmico com 282 (63,8%) citações, seguido de antialérgico/anti-histamínico 52 (11,8%), anti-inflamatório 40 (9%), descongestionante/vasoconstritores 18 (4,1%), antidepressivo 8 (1,8%), corticoide sistêmico via oral 4 (0,9%), xarope 4 (0,9%) e antibiótico 2 (0,5%). Ademais, 3,6% marcaram a opção outro e 3,6% não sabem opinar sobre a classe terapêutica do medicamento que mais utilizam.

A Figura 1 descreve a frequência mensal da ação de automedicação entre os acadêmicos entrevistados. É possível identificar que a maior parte destes realiza tal prática entre 1 a 3 vezes durante o mês. Já o menor percentual foi encontrado entre aqueles que se automedicam entre 7 e 10 vezes ao longo do mês. Dando destaque aos que se automedicaram mais de 10 vezes no mês. Ainda, destes 43 (10,4%) universitários que assinalaram mais de 10 vezes ao mês, cerca de 25 (6%) assinalaram utilizar analgésico/antitérmico, 9 (2%) antialérgico/anti-histamínico, 5 (1,2%) outros, 2 (0,4%) antidepressivo, 2 (0,4%)

descongestionantes/vasoconstritores, 1 (0,2%) corticóides sistêmicos via oral e 1 (0,2%) anti-inflamatório.

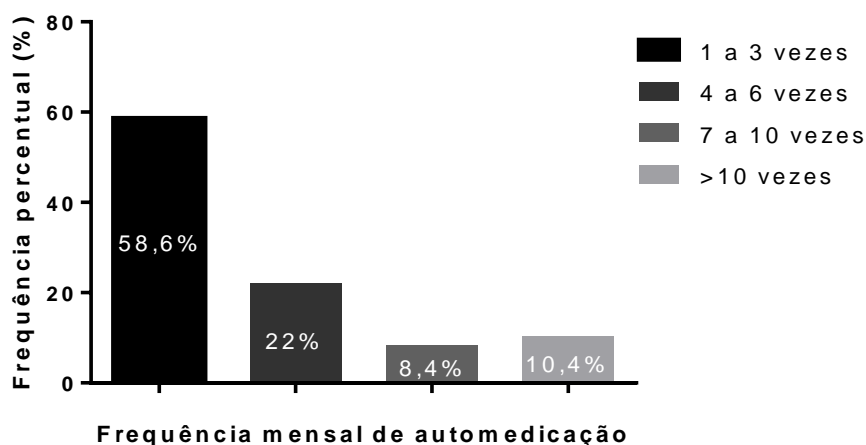


Figura 1- Frequência mensal de automedicação entre acadêmicos.

A Figura 2 apresenta dados referentes à indicação do uso de medicamentos. Foi encontrado que a maior parte dos componentes da amostra executa a utilização de medicamentos por conta própria. O segundo fator mais reportado foi à indicação dos pais. A opção outros familiares foi descrito com o menor número de casos.

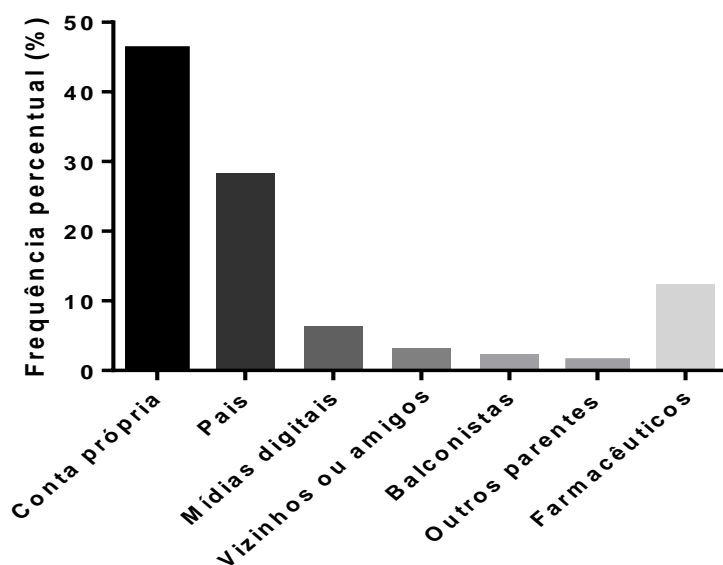


Figura 2- Dados de indicação de medicamentos para automedicação.

A maior parte dos envolvidos no presente estudo, 290 (65,6%) afirma estar ciente sobre os efeitos colaterais que a medicação administrada pode trazer, 112 (25,3%) tem dúvidas sobre este risco e 40 (9%) afirmam não estar ciente desses efeitos colaterais.

DISCUSSÃO

No presente estudo, dentre os 442 universitários entrevistados, 86,9% são do sexo feminino. Esta predominância entre mulheres apresenta semelhança com achados em estudos prévios (Da Silva et al., 2012; Souza et al., 2015), que estudando perfil de automedicação de universitários, obtiveram amostras com predomínio de público feminino. Este fato pode estar associado porque mulheres procuram mais os serviços básicos de saúde, promovendo o autocuidado. Também pode ser devido a uma possível superioridade numérica do sexo feminino frente ao ingresso no âmbito acadêmico, uma vez que, segundo Souza et al. (2015), o número de mulheres que acessam o ensino superior presencial é maior quando comparado ao número de homens.

Sobre idade, estudos têm mostrado não haver padrões de comportamento entre estas duas variáveis (GALATO et. al., 2012; LOYOLA et. al., 2002).

Sobre a formação acadêmica, o presente estudo reporta que 80,3% dos envolvidos encontram-se em processo de graduação, seguido por alunos do curso de mestrado, que representam 9,3%. Acredita-se que este fato se dá devido ser uma característica das universidades brasileiras possuírem mais vagas em cursos a nível de graduação, apesar de, segundo o MEC (2019), os números de vagas ofertadas em cursos de pós-graduação apresentarem crescimento exponencial nos últimos anos.

Acerca da área de conhecimento, houve predominância nas ciências da saúde. Franco et al. (2009), observaram que em todos os cursos, independente da área de conhecimento e do ano do curso em questão, a prática da automedicação é reportada. Ainda, Santos et al. (2012), também apresentam que a automedicação não é restrita aos leigos, e sim uma prática bastante reportada pelos acadêmicos ou profissionais, independente da área. Achados do presente estudo apontam que acadêmicos se automedicam independente da área de conhecimento. Mesmo que a amostra apresente diferentes públicos, ainda assim os percentuais são muito

elevados para automedicação. Acredita-se que a área não seja um fator crucial para realizar tal prática, e sim o grau escolar que os indivíduos se encontram.

Quanto ao fato da maioria dos alunos que responderam ao questionário possuem algum tipo de plano de saúde, dados apresentados por Freitas et al. (2018), estudando o perfil de automedicação em acadêmicos da área da saúde, encontraram que a maioria dos acadêmicos entrevistados possuem plano de saúde. Ainda, Arrais et al. (2005) apontam que plano de saúde é um fator considerável para o consumo de medicamentos, podendo ter correlação entre a renda familiar e a frequência de consultas ao médico, o que poderia desencadear um reaproveitamento de receitas antigas sem prévia consulta à profissionais da saúde, o que é caracterizado como automedicação.

Ainda, a literatura acadêmica reporta que vem crescendo o consumo de medicamentos entre a população com maior nível de escolaridade (SILVA et al., 2012). Vale destacar que pode ser considerado elevado o grau de instrução geral dos participantes desta pesquisa, todavia, se deve considerar também o grau de consciência sobre os riscos da automedicação. Assim, com os resultados obtidos no presente estudo, se pode reportar que 99,8% dos indivíduos que compuseram a amostra assinalaram saber do que se trata a automedicação e, destes, somente 2,7% relatam não praticar a mesma. Em investigação conduzida por Helal & Abou-ElWafa (2017), que buscava explorar a prática de automedicação entre discentes de graduação, 62,9% ingeriam medicamentos sem supervisão médica. Ademais, em estudo de delineamento semelhante, corroborando com os resultados supracitados, De Souza et. al. (2019) descrevem que a prática da automedicação entre os jovens universitários foi de 78%. Entretanto, como mencionado anteriormente, a presente investigação encontrou valores percentuais ainda mais elevados, esta diferença pode estar associada ao fato de no nosso estudo incorporar na sua amostra, além de alunos de graduação, indivíduos que estavam em programas de pós-graduação da universidade, envolvendo um público maior, mas com características heterogêneas.

Indo ao encontro com nosso estudo, a investigação dirigida por Vitor et al. (2008), em um processo de entrevista com acadêmicos obteve como resultado que 66% dos 742 estudantes entrevistados afirmaram que a ocasião mais comum para automedicação é a dor de cabeça. Ainda, a Academia Brasileira de Neurologia (2017) realizou uma pesquisa onde foi relatado que mais de 80% dos brasileiros tomam medicamentos para dor de cabeça sem prescrição médica. Ademais, esta pesquisa salientou que em casos frequentes de dores de

cabeça a automedicação tende a dificultar o resultado do tratamento, uma vez que o paciente pode se tornar cada vez mais dependente do analgésico, necessitando de doses ainda mais elevadas e/ou frequente. Dores de cabeça podem, entre outros motivos, ser desencadeadas por meio de estresse (DAVILA et al., 2019). No âmbito acadêmico há, reconhecidamente, um estresse excessivo devido às demandas cotidianas. Isto, em concomitância com as tarefas e compromissos pessoais, pode acarretar esgotamento psicológico e físico nos acadêmicos, se tornando um fator de risco para doenças como cefaleias crônicas e, até mesmo, depressão e Síndrome de *Burnout*.

Quanto à classe terapêutica dos medicamentos, os dados obtidos em nosso estudo mostram que houve maiores valores percentuais entre analgésicos/antitérmicos e antialérgicos. De modo semelhante, Freitas et. al. (2018), com amostra composta por 189 universitários, constatou que as classes terapêuticas mais relatadas foram analgésico/antitérmico e anti-inflamatório (87,7%). Compreendendo que nem toda a amostra tem conhecimento suficiente para saber qual a classe terapêutica que os medicamentos pertencem, pois envolvia estudantes de todas as áreas de conhecimento, o resultado foi concordante com o que era esperado, visto que o principal motivo que leva os acadêmicos que compuseram a amostra ao ato da automedicação é a dor de cabeça, entende-se o predomínio da classe escolhida.

Um ponto de extrema importância apresentados pelos resultados é a frequência de uso de medicações sem prescrição e suporte profissional. No presente estudo é apontado que a maioria dos estudantes utilizam de 1 a 3 vezes durante o mês e, o que chama mais atenção é o fato de cerca de 10% da amostra se medicarem mais de 10 vezes ao mês, ou seja, mais de duas vezes na semana. O que causa certa preocupação, porque dentre as classes utilizadas dos universitários que assinalaram >10 vezes no mês encontram-se analgésicos (6%) e antidepressivos (0,4%), em que estão sendo utilizados sem uma prescrição médica ou orientação de um profissional capacitado, sem ao menos saber se o uso está correto. Apesar do estudo da Organização Mundial da Saúde (OMS) considerar a automedicação como um fator importante no autocuidado, é consenso que essa prática traz riscos tanto ao paciente quanto a coletividade. Dentre os problemas apontados pelo estudo da OMS, estão: reações de hipersensibilidade, hemorragias digestivas e o risco de desenvolver dependência do medicamento. Ainda, Hughes et. al., (2011), destacam que a automedicação, muitas vezes,

pode mascarar uma doença mais grave, que, quando não tratada de forma correta pode agravar e colocar em risco a saúde do paciente.

Acerca de quem indicou o uso das medicações, a maior parte dos entrevistados assinalaram realizar a automedicação por iniciativa própria ou influência dos pais. Em pesquisa conduzida por Freitas et. al. (2018), com 189 universitários, onde 58,7% afirmam medicar-se por conta própria, o que concorda com nossos achados. Este fato pode ser oriundo de uma possível confiança exacerbada dos acadêmicos, que poderia ser reflexo até mesmo do grau acadêmico (Melo et al., 2018; Caires et al., 2018). Outro ponto importante é a influência dos pares na automedicação. Em nosso estudo, a indicação dos pais foi a segunda mais reportada. Observa-se que apesar dos acadêmicos estarem em um nível superior, com acesso as informações e opiniões diversas, não alterou o fato de os pais serem os principais influenciadores, o que evidencia a importância da conscientização e educação sobre o uso racional destes medicamentos. Entende-se que este ponto é delicado, pois a indicação de terceiros acerca da automedicação não é uma prática recente (Arrais et al., 1997). Destacando a importância das campanhas educativas e educação em saúde no âmbito acadêmico e também na comunidade como um todo,

Foi observado no presente estudo que 34% dos universitários arrolados na amostra não estão cientes ou possuem dúvidas sobre os efeitos adversos que medicações mal administradas podem causar, mostrando assim a importância do profissional farmacêutico em universidades, para o esclarecimento de dúvidas e por meio de projetos de extensão dentro da universidade com o objetivo de promover o uso racional dos medicamentos e em setores da saúde para compor as equipes multidisciplinares.

Como pontos fortes do presente estudo, destacam-se a possibilidade da obtenção de dados em uma Universidade Federal de expressão nacional; envolver um número amostral satisfatório que, além de discentes de graduação, contava com alunos de cursos de pós-graduação, que reconhecidamente gera grande impacto no consumo de fármacos. Ainda, um ponto positivo é, apesar de não haver tratamento estratificado, apresentar dados com indivíduos de diferentes áreas de conhecimento. Como limitações, e sugestão para estudos futuros, é o tratamento de dados de discentes de pós-graduação de modo isolado. Isto poderia ajudar a compreender algumas dificuldades durante o processo daqueles que optam por seguir a vida acadêmica.

CONCLUSÃO

Ao término da presente investigação, os achados sugerem que apesar de os acadêmicos assinalarem saber o que é automedicação, os indivíduos envolvidos reportam altos valores percentuais desta prática. Ainda, 34% destes não estão cientes dos riscos que o uso sem prescrição médica pode trazer para a saúde. O sintoma mais elencado para tratamento através de automedicação é a dor de cabeça e, de modo complementar, analgésicos/antitérmicos são apontados como a classe terapêutica mais frequente. Ainda, a maior parte dos participantes assinala que utilizam medicação por conta própria. Entretanto, quanto à interferência de terceiros, os pais foram descritos como principais influenciadores. E assim, mostrando a importância dos profissionais farmacêuticos, principalmente no âmbito acadêmico.

REFERÊNCIAS

ÁLVARES, Juliana et al. Pesquisa Nacional sobre Acesso, Utilização e Promoção do Uso Racional de Medicamentos: métodos. **Revista de Saúde Pública**, v. 51, p. 4s, 2017.

ARRAIS, P. S. et al. Aspects of self-medication in Brazil. **Revista de saude publica**, v. 31, n. 1, p. 71-77, 1997.

ARRAIS, Paulo Sérgio Dourado et al. Prevalência e fatores determinantes do consumo de medicamentos no Município de Fortaleza, Ceará, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 21, n. 6, p. 1737-1746, 2005.

CAIRES, Danilo Ramaciotti et al. AVALIAÇÃO DO NÍVEL DE AUTOMEDICAÇÃO EM ESTUDANTES DO CURSO DE FARMÁCIA DO NORDESTE MINEIRO.

CASCAES, Edézio Antunes; FALCHETTI, Maria Luiza; GALATO, Dayani. Perfil da automedicação em idosos participantes de grupos da terceira idade de uma cidade do sul do Brasil. **Arquivos Catarinenses de Medicina**, v. 37, n. 1, p. 63-69, 2008.

DA SILVA, CORRÊA et al. AUTOMEDICAÇÃO EM UNIVERSITÁRIOS DA CIDADE DO RIO GRANDE, BRASIL. *BMC Public Health* **12**, 339 (2012)

DÁVILA, Olga Solano; GOTARATE, Félix Bartolo; SOLANO, Olga Bolaños. Estresse acadêmico em estudantes universitários usando análise multivariada. **Sigmae**, v. 8, n. 2, p. 348-358, 2019.

DE MELO¹³, Jenyffer Lorryne Bolba; MARTINS¹⁴, José Luís Rodrigues. USO INDISCRIMINADO DE ANTIBACTERIANOS EM UMA INSTITUIÇÃO DE ENSINO SUPERIOR EM ANÁPOLIS-GO. **F aculdade M etropolitana de A n á polis–FAMA**.

DE SOUZA CRUZ, Eliana et al. Incidência da automedicação entre jovens universitários da área da saúde e de humanas. **Revista Saúde UniToledo**, v. 3, n. 1, 2019.

DOS SANTOS PORTO, Tatiana Naiana Rodrigues et al. Automedicação induzida pelos fatores midiáticos: uma abordagem no ambiente acadêmico. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, n. 41, p. e2840-e2840, 2020.

DOS SANTOS, Marília Clementino et al. Perfil da automedicação por clientes de uma farmácia privada em cidade do Agreste de Pernambuco. **Revista Brasileira de Educação e Saúde**, v. 10, n. 2, p. 50-56, 2020.

DOS SANTOS, Benedito et al. Incidência da automedicação em graduandos de Enfermagem. **Nada**, v. 2, n. 24, p. 6-74, 2012.

FRANCO, Igor Scudellari; RANGEL, Marcel Pereira; MELLA JUNIOR, Sidney Edson. Avaliação da automedicação em universitários. 2009.

FREITAS, Valéria Pires; MARQUES, Matheus Santos; DUARTE, Stênio Fernando Pimentel. Automedicação em Universitários do curso de Graduação da área de Saúde em uma Instituição de Ensino Superior Privada em Vitória da Conquista. **ID on line REVISTA DE PSICOLOGIA**, v. 12, n. 39, p. 25-37, 2018.

GALATO, Dayani; MADALENA, Jaqueline; PEREIRA, Greicy Borges. Automedicação em estudantes universitários: a influência da área de formação. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 17, p. 3323-3330, 2012.

GRAS, Marion et al. Self-medication practices and their characteristics among French university students. **Therapies**, 2020.

HELAL, R. M.; ABOU-ELWAFI, H. S. Self-medication in university students from the city of Mansoura, Egypt. **Journal of environmental and public health**, v. 2017, 2017.

HOME, W. H. O. The benefits and risks of self-medication. **WHO Drug Information**, v. 14, n. 1, 2000.

HUGHES, Carmel M.; MCELNAY, James C.; FLEMING, Glenda F. Benefits and risks of self medication. **Drug safety**, v. 24, n. 14, p. 1027-1037, 2001.

LOYOLA FILHO, Antônio Ignácio de et al. Prevalência e fatores associados à automedicação: resultados do projeto Bambuí. **Revista de Saúde Pública**, v. 36, p. 55-62, 2002.

LYRA JR, D. P. et al. Perfil da automedicação na Farmácia-Escola da UFPE. **Infarmacia-Ciências Farmacêuticas**, v. 15, n. 1/3, p. 72-74, 2003.

MEC, Número de pós-graduandos cresce no Brasil. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/conselho-nacional-de-educacao/180-estudantes-108009469/pos-graduacao-500454045/2583-sp-2021081601>>. Acesso em 02 de junho de 2020.

OLIVEIRA, Marcelo Antunes de et al. Automedicação em idosos residentes em Campinas, São Paulo, Brasil: prevalência e fatores associados. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 28, n. 2, p. 335-345, 2012. PAIM, Roberta Soldatelli Pagno et al. Automedicação: uma síntese das publicações nacionais. **Revista Contexto & Saúde**, v. 16, n. 30, p. 47-54, 2016.

SERVIDONI, Alexandre Barbosa et al. Perfil da automedicação nos pacientes otorrinolaringológicos. **Brazilian Journal of Otorhinolaryngology**, v. 72, n. 1, p. 83-88, 2006.

SILVA, Ruan CG et al. Automedicação em acadêmicos do curso de medicina. **Medicina (Ribeirão Preto)**, v. 45, n. 1, p. 5-11, 2012.

SOUZA, Marli Adelina; HOELLER, Bruna; GOETZ, Everley Rosane. Estudo comparativo da automedicação praticada por estudantes dos cursos das áreas de Ciências da Saúde, Humanas, Exatas e Sociais da Universidade do Planalto Catarinense–UNIPLAC. **Infarma Ciências Farmacêuticas**, p. 142-8, 2015.

VITOR, Ricardo Sozo et al. Padrão de consumo de medicamentos sem prescrição médica na cidade de Porto Alegre, RS. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 13, p. 737-743, 2008.

WORD HEALTH ORGANIZATION (WHO). Medicines: rational use of medicines [internet]. Geneva: Fact sheet n. 338. Media Centre, 2010. Disponível em: <https://www.who.int/medicines/areas/rational_use/en/>. Acesso em: 10 mai. 2020

APÊNDICE 1- QUESTIONÁRIO SOBRE AUTOMEDICAÇÃO

1- SEXO

- Feminino Masculino

2- IDADE

Resposta escrita.

3- FORMAÇÃO ACADÊMICA

- Graduação
 Especialização
 Mestrado
 Doutorado
 Pós doutorado

4- ARÉA DE CONHECIMENTO

- Exatas e tecnológicas
 Humanas e sociais
 Saúde
 Agrárias e biológicas
 Artes e música

5- POSSUI ALGUM PLANO DE SAÚDE?

- Sim
 Não
 Não sei opinar

6- VOCÊ SABE O QUE É AUTOMEDICAÇÃO?

- Sim
 Não

7- VOCÊ REALIZA AUTOMEDICAÇÃO? SE SIM, QUAL O PRINCIPAL MOTIVO?

- Não realizo esta prática
 Infecção

- Inflamação
- Lesões orais e/ou na pele
- Tosse
- Dor muscular
- Dor de cabeça
- Resfriado/Gripe
- Alergia
- Depressão ou Ansiedade
- Vitamina/Suplemento
- Outro

8- QUAL É A CLASSE TERAPÊUTICA MAIS UTILIZADA?

- Não sei opinar
- Antibióticos
- Anti-inflamatório
- Xarope
- Analgésico/Antitérmico
- Descongestionantes/ Vasoconstritores
- Corticoides sistêmicos via oral
- Antialérgico/Anti histamínicos
- Antidepressivo
- Outros

9- APROXIMADAMENTE, COM QUE FREQUÊNCIA FAZ O USO DE MEDICAMENTOS POR CONTA PRÓPRIA?

- De 1 a 3 vezes no mês
- De 4 a 6 vezes no mês
- De 7 a 10 vezes no mês
- >10 vezes no mês

10- QUEM INDICOU O USO DOS MEDICAMENTOS?

- Propagandas, mídia, internet
- Farmacêuticos
- Balconistas

- Amigos/Vizinhos
- Pai/Mãe
- Outro parente
- Por conta própria

11- VOCÊ ESTÁ CIENTE DOS EFEITOS ADVERSOS DA UTILIZAÇÃO DESTE MEDICAMENTO?

- Sim
- Não
- Não sei opinar

APÊNDICE 2 – INSTRUÇÕES DA REVISTA SAÚDE E SOCIEDADE

Preparação de manuscritos

Formato

Papel tamanho A4, margens de 2,5 cm, espaço 1,5, letra Times New Roman 12.

O número máximo de palavras, sempre incluindo ilustrações e referências bibliográficas, varia conforme o tipo da matéria (ver item Tipos de artigos).

Estrutura

Título: Até 50 palavras. Conciso e informativo. Na língua original e em inglês.

Nome(s) do(s) autor(es): todos devem informar a afiliação institucional (em ordem decrescente, por exemplo: Universidade, Faculdade e Departamento) e e-mail. O autor responsável pela correspondência também deve informar seu endereço completo (rua, cidade, CEP, estado, país).

Dados relativos à autoria, informações sobre os autores e financiamento devem estar à parte do artigo, em documento que não será enviado para avaliação cega (*supplemental file NOT for review*).

Resumos: Devem refletir os aspectos fundamentais dos trabalhos, com até 200 palavras, incluindo objetivos, procedimentos metodológicos e resultados. Devem preceder o texto e estar na língua do texto e em inglês (abstract).

Palavras-chave: Até 5 palavras-chaves, na língua do texto e em inglês, apresentados após o resumo.

Gráficos e tabelas: Os gráficos e tabelas devem ser apresentados em seus programas originais (por exemplo, em Excel: arquivo.xls), devidamente identificados, em escala de cinza, em arquivos separados do texto. Figuras, tabelas e imagens devem ser inseridos como arquivos separados do artigo.

Imagens: As imagens (figuras e fotografias) devem ser fornecidas em alta resolução (300 dpi), em JPG ou TIF, com no mínimo 8 cm de largura, em escala de cinza, em arquivos separados do texto.

Imagens que podem identificar os autores não devem estar no texto original. Também podem ser incluídas como arquivos separados do artigo.

Citações no texto: Devem seguir o padrão ABNT.

REFERÊNCIAS

Serão aceitas no máximo 30 referências por artigo, com exceção das revisões de literatura.

Os autores são responsáveis pela exatidão das referências bibliográficas citadas no texto. As referências deverão seguir as normas da ABNT NBR 6023, serem apresentadas ao final do trabalho e ordenadas alfabeticamente pelo sobrenome do primeiro autor. A seguir alguns exemplos:

Livro

FORTES, P. A. de C.; RIBEIRO, H. (Org.). *Saúde global*. São Paulo: Manole, 2014.

Capítulo de Livro

GOTLIEB, S. L. D.; LAURENTI, R.; MELLO JORGE, M. H. P. Crianças, adolescentes e jovens do Brasil no fim do século XX. In: WESTPHAL, M. F. *Violência e criança*. São Paulo: EDUSP, 2002. p. 45-72.

Artigo de Periódico

BASTOS, W. et al. Epidemia de *fitness*. *Saúde e Sociedade*, São Paulo, v. 22, n. 2, p. 485-496, 2013.

Tese

SANTOS, A. L. D. dos. *Histórias de jovens que vivenciaram a maternidade na adolescência menor: uma reflexão sobre as condições de vulnerabilidade*. 2006. Tese (Doutorado em Saúde Materno-Infantil)-Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

Documento on-line

WHO GLOBAL MALARIA PROGRAMME. World malaria report: 2010. Geneva: WHO, 2010. Disponível em: <http://www.who.int/malaria/world_malaria_report_2010/worldmalariareport2010.pdf>. Acesso em: 7 mar. 2011.

Legislação (Lei, Portaria etc.)

- Versão impressa

BRASIL. Lei nº 9887, de 7 de dezembro de 1999. Altera a legislação tributária federal. *Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil*, Brasília, DF, 8 dez. 1996. Seção 1, p. 13.

- Versão eletrônica

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. Portaria nº 485, de 11 de novembro de 2005. Aprova a Norma Regulamentadora nº 32 (Segurança e Saúde no Trabalho em Estabelecimentos de Saúde). *Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil*, Brasília, DF, 16 nov. 2005. Disponível em: <http://www.mte.gov.br/legislacao/portarias/2005/p_20051111_485.pdf>. Acesso em: 17

jan. 2007.

Artigo ou matéria de jornal

CUPANI, G. População sedentária preocupa médicos reunidos em simpósio. Folha de S. Paulo, São Paulo, 15 out. 2010. Equilíbrio e Saúde, p. 14.

Trabalho apresentado em evento (congresso, simpósio, seminário etc.)

- Versão impressa

COUTO, M. T.; SOTT, R. P. Ética, diversidade e saúde reprodutiva. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS EM SAÚDE, 2., 1999, São Paulo. *Livro de resumos...* São Paulo: Abrasco: Unifesp, 1999, p. 100.

- Versão eletrônica

CARVALHO, C. A. Religião e aids: segredos e silêncios. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE PREVENÇÃO EM DST/AIDS, 4., 2001, Cuiabá. *Anais...* Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2001, p. 71-72. Disponível em: <<http://www.portalsaudebrasil.com/artigospsb/public007.pdf>>. Acesso em: 18 ago.2006.